

Um falso contraexemplo à indiscernibilidade de idênticos

Luís Filipe Estevinha Lourenço Rodrigues
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Resumo

Averiguaréi, neste ensaio, se, de um determinado contexto de atribuição de crença, é possível extrair um contraexemplo eficaz ao Princípio da Indiscernibilidade de Idênticos (PII), falsificando-o. O propósito final do trabalho é exibir um espécime desse contraexemplo e mostrar que, mesmo quando assume uma das suas configurações mais agressivas, não falsifica realmente o PII.

Palavras-chave: identidade, princípio da indiscernibilidade, propriedade

O plano de trabalho é o seguinte: Expor, na primeira seção, o PII e aquela que parece ser a sua correlata linguística: a Lei da Substituição de Idênticos (LSI). A segunda seção terá dois momentos: 1) introduzir um contraexemplo que falsifica a LSI e 2) ver como o PII resiste a esse tipo de contraexemplos. Na terceira seção, irá modificar-se o putativo contraexemplo para que, pelo menos como resultado de uma primeira análise, se constitua como uma tentativa bem-sucedida de falsificação do referido princípio. Por último, na quarta seção, vão-se apontar as principais razões pelas quais essa tentativa de falsificar o PII também falha.

I

O PII é um princípio metafísico e declara que se x é y – significando aqui a cópula “é” identidade estrita, quer dizer, identidade numérica –, então x e y têm exatamente as mesmas propriedades. Por exemplo, se Clark Kent e o Super-Homem são idênticos, ou seja, se são numericamente um só objeto, então têm exatamente as mesmas propriedades (JUBIEN, 1998, p.66).

A LSI é um princípio linguístico e declara que a substituição de expressões correferenciais, as quais se referem ao mesmo objeto, preserva o valor de verdade quando da passagem da frase original na

qual ocorrem essas expressões para outra(s) frase(s) que se obtenha(m) por intermédio dessa substituição. Isso quer basicamente dizer que expressões correferenciais são intersubstituíveis *salva veritate*. Por exemplo, dada a frase verdadeira (A) “Clark Kent é o Super-Homem” (supondo que a história do Super-Homem é verdadeira, algo que se irá admitir de aqui em diante), e sendo os nomes “Clark Kent” e “Kal-el” correferenciais, pode então substituir-se a ocorrência de “Clark Kent” em (A) por “Kal-el”, obtendo-se dessa forma a frase (B), igualmente verdadeira, “Kal-el é o Super-Homem”.

II

1) Considere-se agora a frase verdadeira (C) “Lois Lane acredita que o Super-Homem é o Super-Homem”. Recuperando o processo autorizado pela LSI de substituição de idênticos, pode tentar-se substituir em (C) a primeira ocorrência da expressão “Super-Homem” pela expressão correferencial “Clark Kent”. Constrói-se dessa forma a frase (D) “Lois Lane acredita que Clark Kent é o Super-Homem”. Verifica-se então que, ao contrário de (C), que é verdadeira, (D) é falsa, uma vez que Lois não acredita de todo que Clark Kent seja o Super-Homem. O exemplo revela que nem sempre a substituição de expressões correferenciais que ocorrem em proposições submetidas ao âmbito de operadores epistêmicos preserva o valor de verdade. Por conseguinte, há contraexemplos à LSI que a falsificam a partir de contextos de atribuição de crença (contextos epistêmicos, portanto).

2) Pode agora experimentar-se uma tentativa semelhante de falsificação do PII. Neste novo registro, quer-se mostrar que o PII falha se o seguinte for o caso: x é y (x e y são idênticos) tal que x tem pelo menos uma propriedade, digamos, P , que y não tem. O objetivo do exercício é investigar se há pelo menos um caso de idênticos discerníveis, algo que a ocorrer seria suficiente para falsificar o PII.

Considere-se pois o seguinte:

(E) Lois Lane acredita que o Super-Homem é vulnerável à *kryptonite*.

Contudo, há também bons indícios de que o seguinte é igualmente o caso:

(F) Lois Lane acredita que Clark Kent não é vulnerável à *kriptonite*.

Parece assim que, a confiar em (E) e (F), o Super-homem tem pelo menos uma propriedade que Clark Kent não tem, isso apesar de o Super-homem e Clark Kent serem numericamente a mesma entidade. Essa propriedade é a seguinte:

(P) Ser pensado por Lois Lane como sendo vulnerável à *kriptonite*.

Ora, se é o caso do Super-Homem ter P e Clark Kent não ter P, e se o Super-Homem é Clark Kent, ou seja, se são um só indivíduo (objeto, entidade, etc), então o PII está falsificado – pois há pelo menos um caso de idênticos que não têm as mesmas propriedades, *i.e.*, há pelo menos um caso de idênticos discerníveis.

Uma réplica habitual a esse suposto contraexemplo à indiscernibilidade de idênticos assenta na distinção entre crenças *de dicto* e crenças *de re*.¹ A réplica parece ter duas vertentes. Na primeira, faz-se notar a diferença dos alvos das crenças *de dicto* relativamente aos alvos das crenças *de re*: crenças *de dicto* incidem sobre frases e os seus respectivos conteúdos proposicionais; crenças *de re* incidem sobre um objeto, uma coisa, algo extralinguístico e extramental.² Argumenta-se

¹ Formalmente, parece ser a posição dos operadores existenciais relativamente aos operadores epistêmicos, e conversamente, que determina se uma crença é *de dicto* ou se é *de re*. No primeiro caso, o operador existencial está subordinado ao âmbito do operador epistêmico: x acredita que $[\exists y$ tal que y é vulnerável à *kriptonite*]. No segundo caso, acontece o inverso: é o operador epistêmico que se encontra subordinado ao operador existencial. Em símbolos: $\exists y$ tal que $[x$ acredita de y que é vulnerável à *kriptonite*]. O primeiro caso revela plausivelmente uma atitude de crença para com uma proposição. Já o segundo salienta um objeto sobre o qual incide uma atitude de crença. Existem, no entanto, várias complicações adjacentes a esta distinção *de dicto/de re*. Essas complicações surgem em larga medida devido às várias vertentes que a distinção pode admitir: a vertente epistêmica, a metafísica, a semântica e a sintática. O principal problema parece ser que a distinção assume diferentes figuras ou interpretações consoantes a vertente a partir da qual é analisada. Nem sempre se aceita, por exemplo, que o que é *de dicto* numa das vertentes o seja também noutra. Por não ser esse o assunto primário que me ocupa no corrente ensaio, assumo, sem grande discussão, e mais ou menos passivamente, que a explicação tradicional da distinção que ofereci nesta nota está suficientemente correta para apoiar-me nela. Sobre esse tópico consultar, MCKAY, T; NELSON, M, (2005).

² Claro que proposições, frases e outros itens linguísticos são plausivelmente objetos (linguísticos), podendo assim ser os alvos de crenças *de re* como portadores desse estatuto, quer dizer, *qua* objetos.

depois que (E) e (F) explicitam crenças *de dicto*, caso em que a atitude crença incide sobre uma proposição. Continua-se a réplica insinuando que para que o Super-Homem tenha a propriedade P é necessário que o seguinte seja o caso:

(G) Lois Lane pense (acredite) o seguinte acerca do Super-Homem: é vulnerável à *kryptonite*.

Dada essa nova formulação de (E), prossegue-se a réplica afirmando que (G) explicita uma crença *de re*. Quer dizer, em (G) o alvo da crença não é uma proposição, como o é em (E) e (F), mas sim um objecto, um indivíduo: o Super-Homem. O ponto que se quer vindicar ao expor-se tal distinção é que somente no caso de a crença ser *de re* é que se torna possível extrair uma propriedade de um indivíduo tendo por base uma atitude de crença, visto que nesse caso o alvo da crença é esse indivíduo e não uma qualquer proposição na qual ele seja aludido.

Colocada essa formulação e o que ela implica, passa-se então à segunda vertente da réplica. Agora o objetivo é sugerir que – independentemente do modo de apresentação usado para o identificar, seja como Super-Homem, Kal-el ou Clark Kent –, o indivíduo que é alvo da crença *de re* explicitada em (G) tem a propriedade P. Dito de outro modo, quando o visado pela crença é o indivíduo chamado Super-Homem, Kal-el ou Clark Kent, esse indivíduo não pode deixar de ter a propriedade de ser pensado por Lois Lane como sendo vulnerável à *kryptonite*. Não é então o caso de, por um lado, o Super-Homem ter P, e de, por outro lado, Clark Kent não ter P – uma vez que o indivíduo Super-Homem, Kal-el ou Clark Kent tem sempre P. Mas se não é esse o caso, argumenta-se, falha o contraexemplo ao PII já apresentado acima, pois não se está perante um caso de idênticos discerníveis.

III

Apesar do que foi dito, pode ainda desenvolver-se um esforço adicional de falsificação do PII. Esse esforço irá também assentar num contexto de atribuição de crença, tal como anteriormente. Nesse sentido, importa alterar o contraexemplo apresentado na segunda secção. A ideia é que o novo contraexemplo nascido dessa tentativa de alteração acomode a réplica feita ao seu antecessor e consiga, além disso, ser imune a outras objeções que se lhe possam levantar. Só talvez assim esse

novo contraexemplo se poderá qualificar como minimamente plausível ao PII.

Considerem-se então as seguintes crenças *de re* de Lois:

(I) Acerca do Super-Homem, (Lois) pensa o seguinte: é o Super-Homem.

(L) Acerca de Clark Kent, (Lois) pensa o seguinte: não é o Super-Homem.

Segue-se que, por (I), o Super-Homem tem a seguinte propriedade:

(P') Ser pensado por Lois Lane como sendo o Super-Homem.

Mas por (L) Clark Kent não tem (P'). Uma vez que Clark Kent é o Super-Homem, tudo indica, por conseguinte, que o indivíduo Super-Homem tem (P') e não tem (P'). Conclui-se, de novo, que por se estar perante um caso de idênticos discerníveis – um caso em que idênticos não têm exatamente as mesmas propriedades – o PII é falso.

O que deve agora ser questionado de imediato é se esse novo candidato a contraexemplo à indiscernibilidade de idênticos é, primeiro, diferente, e, segundo, mais eficaz do que o contraexemplo apresentado na segunda seção.

Em resposta à primeira parte da questão, pode conceder-se provisoriamente que os contraexemplos são distintos. O que motiva essa resposta – condicional e sujeita à revisão – é que Lois não pode racionalmente acreditar acerca do indivíduo Super-Homem que não é vulnerável à *kriptonite*, mas pode racionalmente acreditar acerca do indivíduo Super-Homem que não é o Super-Homem. Parece haver de fato certo sentido em que Lois acredita corretamente acerca do Super-Homem que não é o Super-Homem: quando acredita acerca do Super-Homem que é Clark Kent, pois sem dúvida que o Super-Homem também é Clark Kent. Em todo o caso, há que ter bastante prudência ao abordar o problema. Mais será dito sobre ele na última seção.

Para se conseguir uma resposta afirmativa e suficientemente correta à segunda parte da questão, a da eficácia do novo contraexemplo, há que retorquir a algumas das possíveis objeções que se podem levantar ao argumento que lhe está na base. É o que se segue.

A primeira tentativa de refutação do novo contraexemplo passa por sugerir que as premissas do argumento que o sustenta, um argumento que parece válido, contêm ambiguidades. Mas não se vê como se possa sustentar essa pretensão. Verifique-se, por exemplo, se a habitual acusação de falácia de equívoco é aplicável. Onde está essa falácia nesse caso? Não há, note-se, qualquer ocorrência de nome ou descrição no argumento que não referencie sempre o mesmo indivíduo: o Super-Homem. Note-se também que o argumento não faz nenhum uso de expressões em uso anafórico, como por exemplo, “dele” ou “ele”, ou quaisquer outras expressões que, ao não ocorrerem com um significado constante ao longo do raciocínio, pudessem de alguma forma gerar interpretações equívocas ou ambiguidades.

Dado que o argumento não sofre aparentemente de qualquer vício de forma ou ambiguidade, importa agora vistoriar uma possível segunda objeção. Esta objeção é similar àquela que foi usada na segunda secção para repudiar o contraexemplo aí apresentado. Nessa objeção, recorde-se, fazia-se uso da distinção *de dicto/de re* e reclamava-se que não se podiam extrair certas propriedades de crenças *de dicto*. Essa objeção não se afigura, porém, aplicável a esse novo caso. É que a propriedade (P'), uma propriedade que o Super-Homem certamente tem mas Clark Kent parece não ter, é extraída da crença (I) de Lois, uma crença que incide sobre o indivíduo Super-Homem e não sobre conteúdos proposicionais de frases em que ele é mencionado. Não parece, portanto, nem existir qualquer ilegitimidade na extração (P'), nem existirem transições ilícitas de crenças *de dicto* para crenças *de re* que pudessem de alguma forma bloquear a extração dessa mesma propriedade. Se assim for, o novo contraexemplo acomoda razoavelmente bem a réplica que foi dirigida ao contraexemplo da segunda secção.

Segue-se agora para outra falha porventura imputável a esse novo contraexemplo. O destaque agora é que é Lois que tem a propriedade de acreditar no que acredita a propósito do Super-Homem, e não que é o Super-Homem que tem a propriedade (P') em virtude de Lois ter a crença que tem sobre ele. Mas parece bem claro que essa objeção não colhe. Por exemplo, afigura-se correto afirmar acerca de José Sócrates que tem a propriedade de ser pensado por alguns portugueses como sendo um bom primeiro-ministro. É óbvio que também é o caso que alguns portugueses têm a propriedade de pensar em José Sócrates como sendo um bom primeiro-ministro. Mas esta última propriedade é uma propriedade bem diferente da primeira, embora se mostre necessário

que algumas pessoas (pelo menos duas) a tenham para que Sócrates possa ter a outra.³ Algo de semelhante parece acontecer com respeito ao novo contraexemplo: o Super-Homem tem provavelmente a propriedade (P') porque Lois tem a propriedade de pensar acerca dele o que pensa – e, estranhamente, parece também não ter (P') pelas mesmas razões. Se o que foi dito estiver correto, não se vislumbra como é que o fato de (P') ter origem num pensamento de Lois pode inviabilizar que (P') seja uma propriedade atribuível ao Super-Homem.

Pode, no entanto, insistir-se nesse tipo de objeção, argumentando que (P') é, na melhor das hipóteses, uma propriedade inócua do Super-Homem, *i.e.*, uma propriedade que ele de alguma forma possui apenas em virtude da existência ou da ação de outros, mas que em nada altera a sua condição – uma propriedade cuja posse ou não posse não implica qualquer diferença para quem a possui. Essas propriedades são habitualmente conhecidas por propriedades Cambridge. Porém, (P') não se configura como uma propriedade desse tipo, uma vez que é certamente relevante para condição do Super-Homem ser pensado por Lois como sendo o Super-Homem. Ter tal propriedade permite, por exemplo, ao Super-Homem fazer com que Lois confie na sua capacidade de voar e, assim, possa convencê-la a cruzar os céus com ele. Veja-se que o desajeitado Clark Kent teria muita dificuldade em convencer Lois a voar com ele até ao momento em que Lois o pensasse como sendo o Super-Homem, o que se revela um bom indicador de que possuir a propriedade afeta a condição do Super-Homem. Tome-se também em consideração que só pelo fato de ter (P') é que o Super-Homem é alvo da paixão de Lois, e que não tendo (P') não o é (por certo que Clark Kent não é alvo da paixão de Lois). Portanto, dada a definição do que é uma propriedade Cambridge, vê-se que (P') não pode ser uma dessas propriedades, uma vez que as suas características não caem nessa definição.

Em função do que foi sugerido anteriormente, apetece dizer que o novo contraexemplo se qualifica como uma tentativa bem-sucedida de falsificação do PII. Com efeito, nenhuma das objeções movidas até esta altura a esse contraexemplo parece ser eficaz na tarefa de refutá-lo. Nenhuma parece conseguir explicar cabalmente como é que o Super-Homem instancia (P') e Clark Kent não instancia (P'). E se alguém

³ Ambas as propriedades são plausivelmente propriedades relacionais e extrínsecas.

porventura sugerir que ambos instanciam (P'), já que são uma única entidade que tem quanto muito dois diferentes modos de apresentação (não apenas linguísticos), fica com o ônus de demonstrar como é que Clark Kent, sendo o Super-Homem, pode instanciar a propriedade (P'), a propriedade de ser pensado por Lois Lane como sendo o Super-Homem, uma vez que Lois não pensa de todo de Clark Kent – quando o Super-Homem lhe surge nesse modo de apresentação – que é o Super-Homem. Importa então, por certo, ver em que moldes Lois consegue alimentar crenças aparentemente contraditórias sobre o mesmo indivíduo, uma situação que parece comprometer-nos com a ideia de que esse indivíduo pode instanciar e não instanciar, em simultâneo, uma determinada propriedade – falsificando dessa forma o PII.

IV

Antes de continuar esta investigação, importa estabelecer uma premissa fundamental. Essa premissa vai auxiliar a circunscrever o seguinte problema: as atitudes de crença de Lois incidem diretamente sobre o indivíduo Kal-el (doravante assim designado para evitar confusões) e não sobre conteúdos proposicionais em que esse indivíduo seja aludido. Aceitando essa premissa, que não se afigura nada pacífica, diga-se, será por certo viável contornar grande parte da polémica em redor do problema de se saber qual a teoria originária da Província da Semântica que melhor acomoda as crenças aparentemente contraditórias de Lois sobre Kal-el. A ideia é tentar uma resposta alternativa vinda da Província da Epistemologia.

Assente este ponto decisivo, há que armar as opções disponíveis. O objetivo é agora ver em que moldes o problema pode ser colocado quando visto pelo prisma da análise epistemológica. O que interessa então questionar é o seguinte: o que seria necessário de modo a que o indivíduo Kal-el pudesse instanciar e não instanciar, simultaneamente, (P'). A resposta é relativamente simples. Seria necessário que Lois pudesse ter também em simultâneo as seguintes crenças de re:

(I*) Acerca de Kal-el, (Lois) pensa o seguinte: é o Super-Homem.

(L*) Acerca de Kal-el, (Lois) pensa o seguinte: não é o Super-Homem.

Ora, devido a razões que serão adiante clarificadas, dificilmente Lois pode adotar (I*) e (L*) em simultâneo. Portanto, também é duvidoso que Kal-el possa instanciar e não instanciar simultaneamente (P').

Assim visto, o problema parece ter uma solução relativamente simples. Fica, contudo, ainda por esclarecer por que razão Lois pensa de Kal-el que é e não é o Super-Homem. Há realmente que reconhecer (como se sugeriu no quarto parágrafo da terceira seção) que existe um sentido no qual Kal-el é pensado por Lois como não sendo o Super-Homem. Lois alimenta essa crença, explicitada em (L), de onde se extrai a seguinte propriedade:

(P*) Ser pensado por Lois Lane como *não* sendo o Super-Homem.

Essa é uma propriedade que é instanciada por Kal-el, uma vez que ele aparece por vezes a Lois como Clark Kent. É justamente este modo de apresentação *Clark Kent*, um modo não apenas linguístico, que condiciona a atitude da crença (L) de Lois e faz com que essa crença pareça equívoca, mal direcionada ou ambígua. Kal-el ilude Lois, fazendo-a pensar que ele, Kal-el, não é o indivíduo que ela, Lois, conhece sob o modo de apresentação *Super-Homem*. Até este instante não existe qualquer dificuldade de interpretação. Esta é, aliás, a intuição mais habitual de quem conhece a história; uma intuição provavelmente correta. Lois tem dois estados de crença – aparentemente contraditórios – para com um mesmo alvo dessas suas crenças.⁴ Quando se encontra no estado de crença induzido pelo fato de Kal-el lhe surgir no modo de apresentação *Super-Homem*, Lois acredita acerca de Kal-el que é o

⁴ Para ver como pode isso ser plausível, há que tomar em consideração a seguinte possibilidade: “Perry (1977) argumenta que assim que aceitamos distinção entre estados de crença e conteúdos de crença conseguiremos ver que agentes racionais podem acreditar numa proposição e na sua negação, desde que o façam por estarem em ‘diferentes’ estados de crença. Ou seja, Lois acredita simultaneamente que o Super-Homem é forte e o Super-Homem não é forte. Isto não coloca a sua racionalidade em questão, uma vez que ela acredita na primeira proposição por estar num determinado estado de crença devidamente relacionado com ‘o Super-Homem é forte’ e acredita na segunda por estar num determinado estado de crença devidamente relacionado com ‘o Super-Homem não é forte’”. Cf. MCKAY, T; NELSON, M, "Propositional Attitude Reports", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter, 2005 Edition).

Aceitando-se essa ideia de que um agente consegue desenvolver diferentes estados de crença sobre um mesmo conteúdo proposicional – ou, adaptando ao caso que nos ocupa presentemente, sobre um mesmo indivíduo –, pode também aceitar-se que Lois mantém crenças contraditórias sobre Kal-el por este ser o alvo de diferentes estados de crença dela, sem que ela possa ser considerada irracional por isso.

Super-Homem. Quando se encontra no estado de crença induzido pelo fato de Kal-el lhe surgir no modo de apresentação *Clark Kent*, Lois acredita acerca de Kal-el que não é o Super-Homem.

Os filósofos da linguagem mais puristas (e neorrusselianos) poderão talvez querer objetar a esta análise dizendo que (P*) não é de todo atribuível a Kal-el, uma vez que Lois não pode acreditar racionalmente acerca do indivíduo Kal-el que não é o Super-Homem, mesmo quando este lhe aparece no modo *Clark Kent*, visto que Kal-el é o Super-Homem. Mas suponha-se que Lois vem a descobrir que Clark Kent é o Super-Homem. Não é verdade que Lois deixaria de pensar, nem que fosse por breves instantes, no indivíduo Kal-el como sendo o Super-Homem para pensá-lo como sendo Clark Kent?

Em face desses dados, não se consegue evitar a impressão de que o problema não reside em Kal-el ter e não ter a propriedade (P) em simultâneo, mas sim em Kal-el possuir (P') e (P*). Se se conseguir provar que este último é o caso e que o primeiro não se segue deste, não restarão grandes dúvidas de que o contraexemplo ao PII apresentado na seção anterior falha redondamente. Isto na medida que esse contraexemplo não mostraria então que há idênticos discerníveis, por terem e não terem simultaneamente determinadas propriedades, mas sim que há indivíduos que instanciam propriedades contrárias (mas não contraditórias), algo de substancialmente diferente e que de nenhuma forma falsifica o PII.

Importa então visitar novamente às crenças de Lois, visto que são elas que estão na origem das propriedades de Kal-el discutidas neste trabalho. Agora que se desfizerem as ambiguidades semânticas contidas em (I) e (L), tendo resultado dessa desambiguação as crenças explicitadas em (I*) e (L*), há que verificar como é que o fato de Lois aceitar essas crenças pode contribuir para Kal-el instanciar (P') e (P*), sem que isso arraste consigo qualquer esboço de contradição. Há, para esse efeito, que recuperar as conhecidas distinções entre, por um lado, crenças ocorrentes e crenças disposicionais, e, por outro, acreditar implicitamente ou explicitamente em algo.

No que diz respeito à primeira distinção, diz-se habitualmente que um agente tem uma crença ocorrente quando essa crença se apresenta num dado instante e de modo consciente na mente desse agente. Diz-se que um agente tem uma crença disposicional quando um agente possui

de alguma forma essa crença arquivada, embora disponível para recuperação, mas ela não está presente à sua consciência. Assim, por um lado, pode dizer-se que pelo fato de Lois estar a pensar conscientemente num determinado momento que o Super-Homem é o Super-Homem, Lois tem uma crença ocorrente acerca da identidade do Super-Homem. Por outro lado, no caso de Lois ter a crença referida neste preciso instante, no modo ocorrente, portanto, terá também a crença disposicional de que Clark Kent é seu colega no *Daily Planet* – uma vez que Lois acredita que Kent é seu colega no jornal onde trabalha, mas o seu pensamento não está nesse instante conscientemente direcionado para essa sua crença.

A segunda distinção é a seguinte: Diz-se que um agente acredita explicitamente em algo no caso de a sua mente possuir uma representação imediata e explícita desse algo que é por ele acreditado. Diz-se que um agente acredita implicitamente em algo no caso de acreditar potencialmente em algo que não está imediatamente configurado na sua mente, mas pode seguir-se do que está configurado na sua mente. Assim, por exemplo, pode dizer-se que pelo fato de Lois possuir agora uma representação clara e imediata do uniforme do Super-Homem, ela acredita explicitamente que o super-Homem veste-se de azul, vermelho e amarelo; mas que, embora não tenha essa informação devidamente configurada na sua mente, ela acredita implicitamente que o Super-Homem usa terno e gravata noutras ocasiões (quando assume o seu *alter ego* no dia a dia de *Metrópolis*).

Agora há que passar as crenças de Lois pelo crivo destas definições e verificar como é que não obstante ela acreditar no que acredita, nos moldes em que acredita, Kal-el pode ter (P') e (P*) sem que isso implique que tenha e não tenha, simultaneamente, ou (P') ou (P*) (esta última disjunção é exclusiva), algo que faria de Kal-el um idêntico discernível e falsificaria o PII.

O primeiro ponto a esclarecer é que, à medida que é uma pessoa racional, Lois não acredita explicitamente e, logo, simultaneamente em (I*) e (L*). Isso quase que afasta em definitivo qualquer possibilidade de Kal-el ter e não ter simultaneamente ou (P') ou (P*). De fato, se Lois não acredita explicitamente acerca de Kal-el que é e que não é o Super-Homem, não se vê como pode Kal-el ter e não ter em simultâneo qualquer uma dessas propriedades. Outro aspecto que vem reforçar essa ideia é que é bastante improvável que Lois possa ter as crenças (I*) e (L*) ocorrentemente. Se se adotar uma postura minuciosa em face do

problema e se inquirir se duas crenças se podem sobrepor no mesmo instante na mente de um agente, no modo ocorrente, portanto, chega-se por certo à conclusão que tal acontecimento ou é bastante improvável ou é mesmo uma impossibilidade.

Todavia, não devemos esquecer que as dúvidas quanto a Kal-el poder ter e não ter em simultâneo uma determinada propriedade (seja a da existência ou outra qualquer) derivam em grande parte do fato de Lois ter as crenças aparentemente contraditórias (I) e (L). Essas crenças parecem contraditórias porque, como se viu anteriormente, envolvem diferentes modos de apresentação (linguísticos e ontológicos) de Kal-el. Independentemente de essas crenças já terem sido desambiguadas e de se ter mostrado que assim não arrastam nenhuma contradição, importa ver com maior detalhe por que razão não se pode retirar da sua conjunção que Kal-el, sendo também o Super-Homem e Clark Kent, tem e não tem simultaneamente ou (P') ou (P*).

O ponto é agora relativamente simples. Recorde-se que, por um lado, (I) Lois pensa o seguinte acerca do Super-Homem: é o Super-Homem; e que, por outro lado, (L) Lois pensa o seguinte acerca de Clark Kent: não é o Super-Homem. Ora, em primeiro lugar, é muito difícil admitir que Lois tem ocorrentemente essas duas crenças. Se assim for, Kal-el não pode, de maneira nenhuma, ter e não ter (P') num dado instante. E, se assim for, o mais que pode acontecer é Kal-el ter conjuntamente (P') e (P*), mas em diferentes ocasiões. Assim, em segundo lugar, é muito provável que se Lois tiver, por exemplo, a crença (I) ocorrentemente e explicitamente, só poderá ter a crença (L) ou disposicionalmente ou implicitamente. No caso de se admitir que é implicitamente, não existe nenhuma consequência, uma vez que, nesse caso, Lois não tem sequer uma crença ativa acerca de Kal-el, uma crença da qual se possa extrair uma propriedade. No caso de se admitir que é disposicionalmente, ocorre uma situação semelhante à anterior. Embora a crença esteja neste último caso de alguma forma presente na mente de Lois, essa crença não é plausivelmente acionada e considerada por Lois até o momento em que ocorre conscientemente na sua mente (caso em que essa ocorrência não pode ser simultânea com a ocorrência de (I)). Portanto, dificilmente uma propriedade é extraível de uma crença que não está, por assim dizer, atualizada. Quer dizer, a disposição – não atualizada – para Lois acreditar que Clark Kent não é o Super-Homem não parece ter força suficiente para que se possa daí extrair uma

eventual propriedade de Kal-el (Clark Kent ou Super-Homem) de ser pensado (por Lois) como não sendo o Super-Homem.

Se o que agora foi dito estiver correto, não há a mínima hipótese de idênticos como Clark Kent e o Super-Homem instanciarem simultaneamente diferentes propriedades. Quanto muito, o indivíduo Kal-el tem – não simultaneamente – as propriedades (P') e (P*), uma situação da qual não se segue de forma alguma a anterior. Seja como for, de modo nenhum o PII é posto em causa a partir desse contexto específico de atribuição de crença, um contexto que se usou na terceira seção para erigir o que pode agora ser visto como um putativo contraexemplo ao Princípio de Indiscernibilidade de Idênticos.

Referências

BLACK, M. *The identity of indiscernibles*. In: *Mind*, v. 51, 1952, p. 53–64.

FRENCH, S. *Why the principle of the identity of indiscernibles is not contingently true either*. In: *Synthese*, 1989, v.78, p. 141-166.

HACKING, I. *The identity of indiscernibles*. In: *Journal of Philosophy*, 1975, v.72, pp. 249-256.

HAWTHORNE, J. *Identity*. In: LOUX; M.J. ZIMMERMAN, D.W. (eds.), *The Oxford Handbook of Metaphysics*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

JUBIEN, M. *Contemporary metaphysics, an introduction*. Oxford: Blackwell, 1998.

KRIPKE, S. *Naming and necessity*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

LOWE, E. *Objects and criteria of identity*. In: HALE, B; WRIGHT, C. (eds.), *A companion to the philosophy of language*. Oxford: Blackwell, 1997.

McKAY, T.; NELSON, M. *Propositional attitude reports*. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2010. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/win2005/entries/prop-attitude-reports>.

_____. *Propositional attitude reports. ignorance of identities, supplement*. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* 2010, Disponível em:

<http://plato.stanford.edu/entries/prop-attitude-reports/ignorance.html>.

_____. *Propositional attitude reports. The de re/de dicto distinction*. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2010. Disponível em:

<http://plato.stanford.edu/entries/prop-attitude-reports/dere.html>.

NOONAN, H. *Relative identity*. In: HALE, B; WRIGHT, C. (eds.). *A Companion to the philosophy of language*. Oxford: Blackwell, 1997.

QUINE, W., *Word and object*. Cambridge, MIT Press, 1960.

SCHWIZGEBEL, E. *Belief*. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2010. Disponível em:
<http://plato.stanford.edu/archives/fall2006/entries/belief>.